A “peste gay”: imprensa aracajuana e os primeiros casos da aids no Brasil¹

The “gay plague”: aracaju press and the first AIDS cases in Brazil

Élcio Luiz Santos da Silva²

Resumo:

Acredita-se que o vírus do HIV já circulava lentamente na África desde o século XIX chegando mais tarde nos Estados Unidos, especificamente nos anos 70. Mas é somente nos anos 80 que se torna pública uma doença “estranha” para a qual não se conhecia a causa nem a cura e que era devastadora para as pessoas infectadas que, coincidentemente, eram em sua maioria homossexuais. A partir daí a “peste gay” começou circular no imaginário social e na vida da população. No Brasil, os casos só começaram a ser notificados a partir de 1983. Ao focar em discurso, logo somos transportados para a imprensa, uma ferramenta poderosa. Esse artigo tem como foco a cidade de Aracaju, capital de Sergipe, e como ela noticiou a “peste” para a sua população os primeiros casos da doença no país até 1987 pela análise dos jornais Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade.

Palavras-chave: aids, Aracaju, sexualidade, imprensa.

Abstract

It is believed that the HIV virus has already been circulating slowly in Africa since the 19th century, arriving later in the United States, specifically in the 1970s. But it is only in the 1980s that a “strange” disease became public, for which no one knew neither the cause nor the cure, and which was devastating for the infected people, who, coincidentally, were mostly homosexuals. From then on, the “gay plague” began to circulate in the social imagery and in population's life. In Brazil, the cases only began to be reported after 1983. By focusing on speech, we are soon transported to the press, a powerful tool. This article focuses on the city of Aracaju, capital of Sergipe, and how it reported the “plague” to its population at the first cases of the disease in the country until 1987, by analyzing the newspapers Gazeta de Sergipe and Jornal da Cidade.

Keywords: AIDS, Aracaju, sexuality, press.

Introdução

Assim como uma nova ideia, ou como um discurso oportunista dito na hora certa e para as pessoas certas, que adentra facilmente a mente das pessoas atentas e sedentas

¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Professora Doutora em História e Cultura Edna Maria Matos Antônio do Departamento de História/Mestrado em História da Universidade Federal de Sergipe;

² Acadêmico em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: elcio-luiz@hotmail.com

pelo novo, um vírus também pode percorrer o corpo de alguém, fazer morada e assim infectar outras pessoas. A questão a ser discutida para esse artigo é o HIV, sigla em inglês para vírus da imunodeficiência humana. Este, quando instalado na pessoa através de fluidos corporais, por meio de relações sexuais (vaginal, anal ou oral) desprotegidas (sem camisinha), origina a aids (da sigla também em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Como o próprio nome sugere, a síndrome ataca o sistema imunológico, responsável pela proteção do organismo, deixando a pessoa propensa a adquirir outras doenças chamadas de oportunistas por justamente atacar um organismo sem proteção.

Segundo o site da UNAIDS Brasil³, acredita-se que o vírus já circulava lentamente na África desde o século XIX chegando mais tarde nos Estados Unidos, especificamente nos anos 70, porém, só noticiado uma década depois. O órgão confirma que cientistas encontraram um vírus similar em um chimpanzé na África ocidental e que provavelmente com a caça deste animal para a alimentação da população o HIV foi levado aos seres humanos pelo sangue infectado.

Após essa breve explicação sobre o surgimento da aids, é importante fazer as seguintes perguntas: e antes dessas explicações? Como a doença era chamada? Sabiam que era um vírus? Quem era o culpado ou culpada pela peste que começou a aterrorizar o mundo na década de 80? Como os casos eram noticiados? Porque essas informações demoraram muito para chegar nas pessoas, enquanto os mais diversos discursos preconceituosos tomavam conta da mídia tentando inibir qualquer tipo de diálogo.

É importante também ressaltar que utilizaremos a sigla da doença com a sua inicial minúscula segundo consta no Manual de comunicação da Secom do Senado Federal. Sendo que ela em maiúscula só deve ser usada quando tratar de algum evento de conscientização⁴.

Para este artigo, utilizaremos o campo da História das Doenças para entender o que realmente aconteceu, os padrões das reações da humanidade perante uma epidemia catastrófica. Segundo Dilene Raimundo do Nascimento, em seu livro “As pestes do

³ **UNAIDS Brasil** é o escritório do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS no Brasil, com sede em Brasília (DF); Informações básicas sobre o HIV e a AIDS. UNAIDS Brasil, Brasília/DF. c2022. Disponível em: < <https://unaids.org.br/informacoes-basicas/>>. Acesso em: 19 de fev. de 2022.

⁴ Manual de Comunicação da Secom. Brasília/DF. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/aids#:~:text=Use%20inicial%20min%C3%BAscula,da%20explora%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20de%20mulheres.&text=Segundo%20Braga%20C%20v%C3%A1rios%20foram%20diagnosticados,hepatite%20C%20s%C3%ADfilis%20e%20aids.> Acesso em: 15 de maio de 2022.

século XX: tuberculose e aids no Brasil”, uma das partes vitais da dinâmica relação da natureza com o homem é justamente a doença. Ela também salienta que esse olhar voltado para a fragilidade humana faz parte da História Nova, trazendo um novo olhar perante o corpo, a morte e a sexualidade, que aqui destacamos não ser um termo que se relacione somente com a relação sexual heteronormativa, mas um conjunto de relações afetivas, sexuais e sentimentais da pluralidade humana. Assim, algo que antes era objeto de estudo de médicos e higienistas, começou a aparecer na história da medicina ou em uma epidemiologia histórica.

Pois a doença não é tão-somente um conjunto de sintomas que nos leva a procurar um médico, mas também um acontecimento que ameaça e modifica nossa existência, seja individual ou coletivamente, muitas vezes com graves consequências. Desse modo, assim como a história, a doença, como fenômeno social, também é uma construção. Concorrem para a existência da doença diversos elementos científicos, sociais e políticos, temporal e espacialmente estudados (NASCIMENTO, 2005, p. 28).

Paulo Sergio Andrade Quaresma (2011), em seu artigo intitulado “As doenças e a História do homem: um itinerário em comum” nos traz logo no início uma frase simples e óbvia, porém impactante: “No cosmo dos eventos humanos e históricos, duas certezas – reais e verdadeiras – permanecem intactas, desde a aurora dos tempos: os homens nascem e os homens morrem” (p. 01). Porque a morte em si, configurada em diversas facetas culturais e religiosas gera o sentimento de perda, causando um maior impacto quando a vítima contrai alguma determinada doença vista como mortal. Quaresma revela que é importante lembrar que as pestilências, ou doenças contagiosas, causaram mais vítimas do que os conflitos armados, fazendo com que este assunto seja extremamente relevante para a História. Porém, ao se retroceder no tempo, constata-se que as questões e os discursos relativos ao binômio saúde-doença não podem ser observados e entendidos da mesma maneira ao longo do tempo, pois os estudos demonstram que as sociedades apresentam particularidades e especificidades em relação a esse fenômeno que as distinguem. Esse fato exige uma interpretação variada por parte do historiador no manuseio de temas e conceitos relacionados com a medicina, a epidemiologia, a transmissibilidade viral e, principalmente, a saúde pública (QUARESMA, 2011).

O mesmo autor também aborda uma das peculiaridades bem interessantes diante das doenças: a procura por culpados. Pois, através do estudo das epidemias a sociedade pede tanto por respostas que acaba apontando como causadores e causadoras da peste as

minorias, principalmente. Aqui, entendemos como minoria um grupo de pessoas marginalizadas, como por exemplo, pessoas negras, estrangeiros e estrangeiras e pessoas LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo e assexuais e grupos de outras identidades não nomeadas).

Em outro artigo intitulado “O signo da culpa na História das Doenças” por Dilene Raimundo do Nascimento e George Gouvêia (2005) citam Ítalo Tronca (2000):

Ao examinar a Aids e a lepra, ele demonstra a faceta que encontra abrigo na ideia do mal como algo do “outro”, aquilo que pertence ao mundo externo e invade a vida das pessoas. Expandindo seu raio de observação, nos desvela a poderosa ideia da procura de um culpado se manifestando em tempos diferentes e, também, imputando a terceiros a causa de algumas das graves doenças que fazem parte do cenário histórico (p. 04).

Por isso, retornando ao livro de Dilene Raimundo, já citado, a autora aborda questões significativas em seu terceiro capítulo. É nos anos 80 que se torna pública uma doença “estranha” para a qual não se conhecia a causa nem a cura e que era devastadora para a pessoa infectada. O problema foi que

o primeiro texto oficial a respeito da aids foi um artigo publicado no *Morbidity and Mortality Weekly Report* (MMWR), de 5 de junho de 1981. O artigo relatava cinco casos de jovens do sexo masculino sem história prévia de imunodeficiência, homossexuais, moradores em Los Angeles, que apresentavam infecção pulmonar atribuída ao *Pneumocystis carinii* (PPC), microrganismo já conhecido que só produzia infecção na vigência de baixa imunidade. As cinco pessoas, desconhecidas entre si, apresentaram o quadro de pneumonia entre outubro de 1980 e maio de 1981. Verificou-se a concomitância de outras doenças, chamadas oportunistas, como a candidíase oral e o citomegalovírus (CMV) (NASCIMNETO, 2005, p. 81).

Assim, ficava evidente, sob a perspectiva da época, que “pessoas estranhas” acometiam essa “doença estranha”. E somente em 1982 que a “peste” foi denominada de *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (Aids) - síndrome da deficiência imunológica adquirida.

Segundo o artigo de Sandra Mendes (2007), “o termo homossexualidade foi criado no século XIX, em 1869, pela médica húngara Karoly Maria Benkert e apresentava uma conotação estritamente clínica para descrever a realidade humana das pessoas que tinha o impulso sexual voltado para alguém do mesmo sexo” (p.03).

Os homossexuais sempre foram muito questionados e isso nunca foi uma surpresa e infelizmente ainda não é, mesmo depois de tanto tempo e de tantas informações necessárias circulando. Leonidas Hegenberg, em seu artigo “Evolução histórica do conceito de doenças” ao fazer uma retrospectiva sobre como a humanidade sempre lidou com as doenças, ele afirma que “quando se alude à ‘quebra de tabus’, entende-se a doença em termos de punição: o doente é castigado por haver-se rebelado contra imperativos religiosos ou sociais. Deuses e almas de antepassados punem os homens que não se curvam diante dos mandamentos vigentes” (HEGENBERG, 1998, p. 18). É interessante ressaltar que esse trecho equivale às concepções dos povos primitivos quanto ao contágio de uma doença. Porém se torna absurdamente atual ao comparar com o que as pessoas homossexuais sofreram na época dos noticiários sobre a aids. E é justamente nesse assunto que se encaixa o poder do discurso na História.

O filósofo Michel Foucault (1970) em seu livro “A ordem do discurso” inicia sua narrativa de uma maneira absurdamente sensível como uma forma de nos mostrar como esse campo da História é delicado. Ele fala que “existe em muita gente um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo na entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico”. Assim, é nítida a preocupação de autor sobre o cuidado que se deve ter diante do anúncio, das explicações e teorias. Porque,

pensar a palavra discurso é pensar, inevitavelmente, em política, em discurso político, ou seja, os pronunciamentos praticados por autoridades políticas, cuja fala é perpassada por um vocabulário regular em estilo e forma. Por estarmos falando de um lugar teórico assumidamente de ruptura, que é a análise de discurso, convém que estabeleçamos uma divisa com o que advém do senso comum (BRASIL, 2011, p. 175).

Ao falarmos sobre discurso, logo somos transportados para a imprensa. Aquela que na década de 80 nos Estados Unidos foi tão fundamental para propagar o medo por conta da aids e conseqüentemente o preconceito aos homossexuais do sexo masculino. E a mesma que também seguiu a linha de raciocínio no Brasil a partir de 1983 quando os primeiros casos foram notificados.

Percebemos assim uma linha contínua de poder sobre o que pode ou não ser falado na imprensa brasileira. Para entendermos melhor, recorreremos a Nelson Werneck Sodré, em seu livro “História da imprensa no Brasil”. Mas neste momento, ficaremos com um

artigo que o cita perfeitamente e que foi escrito por Trajano Silva Jardim e Iolanda Bezerra dos Santos Brandão. Este, intitulado “Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado” é possível já termos uma ideia de como o jornalismo no país funciona. Pois,

mesmo com o advento do capitalismo no Brasil, na Primeira Revolução Industrial, quando as pequenas tipografias de cunho artesanal se transformam em imprensa-indústria, a imprensa continua subordinada ao Estado. A burguesia, que se apropria dos meios de produção desenvolvidos, transforma-se também em dona das novas formas de comunicação de massa. Os antigos artesãos são excluídos do mercado pelo alto custo dos novos equipamentos, que permitem a transformação dos pequenos boletins de periodicidade e formatos irregulares em jornais diários e com melhor padrão de qualidade. Para esses investimentos, o chamado ‘baronato da imprensa’ recorre aos cofres públicos. Nesse contexto, como podemos observar, a imprensa comporta-se, desde seu surgimento, como ‘aparelho hegemônico do Estado’, atuando como instrumento difusor da ideologia da classe dominante a que ela pertence (JARDIM e BRANDÃO, 2014, p. 02).

Precisaremos também da História Social para que haja uma compreensão melhor dos noticiários no país sobre a aids. E em relação a esse campo da História tão importante, José D’Assunção Barros (2005) é enfático ao falar que

são os grandes momentos de protesto ou de violência coletiva que tornam visíveis as massas, e os pequenos momentos de crimes individuais que dão visibilidade ao homem comum. São as fontes que expressam os vários tipos de violência (ou que registram a repressão a esta violência) aquelas que permitirão a este historiador examinar as relações de classe, as suas expectativas, o seu cotidiano (p. 21).

E como se a História fosse um grande tecido, tomaremos pela mão uma linha de todo o emaranhado de fios entrelaçados e focaremos na cidade de Aracaju, capital de Sergipe, para podermos saber como a imprensa do menor estado do país estava lidando com as primeiras notícias sobre a “peste gay” e se ela estava somente reproduzindo, ou não, o imaginário social do Brasil sobre a aids enquanto também estava ocupada mostrando a terrível seca que assolava o estado. Para isso, analisaremos os discursos de dois grandes jornais da época: Jornal da Cidade, de 1983 até 1985, e Gazeta de Sergipe, de 1983 até 1987.

1. QUANDO NÃO CONHECEMOS, TEMEMOS.

Se pudermos direcionar nossos olhares atentos ao Brasil no tocante em tudo o que envolve a comunidade LGBTQIA+, veremos na história inicial do país indícios fortes para a situação sobre a qual vivemos.

Segundo um artigo escrito por Ester Pinheiro no site “Brasil de Fato”⁵, o país continua sendo, ainda em 2022, o lugar que mais mata pessoas trans. Sendo que a segurança pública continua a ignorar essa triste realidade. Vale salientar que somente em 2019 foi que a homofobia foi declarada crime equiparado ao racismo. E ainda assim, depois de uma prolongada discussão e pressão popular para que isso acontecesse.

Quanto ao início da colonização das terras brasileiras, é preciso resgatar o fato de que o território já era ocupado por diversas tribos de povos indígenas com suas diferentes culturas e costumes. O que provocou um certo incômodo aos europeus que chegaram com o seu imaginário pronto, intacto, dispostos a padronizar tudo o que fugia dos seus conceitos. E com a sexualidade dos indígenas não foi diferente.

Há uma pergunta que muitas pessoas podem fazer: existe ou existia indígena homossexual? A história, com suas fontes, pode afirmar que sim. Primeiro que a sexualidade não se trata de uma escolha, pois ela é imposta à pessoa biologicamente. Pois, levando em consideração o estudo do neuropsiquiatra Paulo Bearzoti (2016) com base nas teorias de Freud, a sexualidade é “energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação” (p. 05).

Segundo o artigo “Estudo mostra diversidade de práticas sexuais entre indígenas no Brasil pré-colonial”⁶ escrito por Helô D'Angelo em 2017, cita o livro dos antropólogos Estevão Rafael Fernandes e Barbara Arisi no estudo *Gay Indians in Brazil: Untold Stories of the Colonization of Indigenous Sexualities* (“Índios gays no Brasil: Histórias não contadas da colonização das sexualidades indígenas”). Eles analisaram dezenas de registros da época e descobriram a diversidade de práticas sexuais bem antes da

⁵ Pinheiro, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. São Paulo/SP, 2022. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Acesso em: 20 de mar. de 2022;

⁶ Ver: D'ANGELO, Helô. Estudo mostra diversidade de práticas sexuais entre indígenas no Brasil pré-colonial. 26 de jun. de 2017. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/estudo-mostra-diversidade-de-praticas-sexuais-entre-indigenas-no-brasil-pre-colonial/>>. Acesso em: 20 de mar. de 2022.

colonização. Assim, o que desembarcou das caravelas em 1500 não foi somente o europeu, mas também a sua homofobia – apesar do termo ser inexistente na época – que caracterizou essas pessoas como sodomitas, fazendo referência à cidade bíblica de Sodoma, ou simplesmente de pecadoras, já que estamos tratando uma religião dominante que também se enraíza nessas terras: o catolicismo. E assim a homossexualidade passa a ser vista como algo contagioso, uma doença. E que por incrível que pareça é o que acontece, de forma simbólica, séculos depois.

Infelizmente, esse silenciamento passa a ser quebrado, se é que podemos afirmar assim, com o surgimento de uma doença, que por coincidência, só acometia homens homossexuais. O aparecimento do HIV, sigla para vírus da imunodeficiência humana, e consequentemente a aids escancarou as portas do preconceito que já existiam, porém em uma forma velada.

O historiador James N. Green (2018) é bastante perspicaz e detalhista sobre esse assunto no seu livro “Revolucionário e Gay: A vida extraordinária de Herbert Daniel” que narra a história de um ativista da esquerda no período da ditadura no país e que ao mesmo tempo precisava lutar por sua sexualidade. O autor afirma que logo no início da década de 1980 os direitos dos pacientes não existiam e nem era permitido que eles tivessem conhecimento sobre a própria doença e nem sobre como poderiam tratá-la.

Green diz também que no Brasil o ativismo lésbico e gay passou a se firmar em 1978, mas entrando em declínio em 1980, logo quando começou a ser noticiada no país o surgimento da aids. O problema estava em como essas notícias eram elaboradas e levadas até o público, sendo que elas causavam confusão ao espalhar pânico nos homossexuais e espalhar ainda mais o preconceito.

Porém, podemos entender esse percurso traumático através da História das Epidemias. A médica Dilene Raimundo do Nascimento também aborda de uma forma consistente esse assunto ao falar sobre a tuberculose e a aids:

A doença, para além de uma entidade patológica, é um fenômeno social cujos 'diferentes' significados são construídos por sociedades 'diferentes'. Os indivíduos que compõem tais sociedades partilham dessa construção cotidianamente. E, com relação à tuberculose e à Aids, certamente, os doentes partilham o estigma sombrio, socialmente construído, para ambas as doenças. Nessa medida, onde habita a vontade do encontro com o outro nas formas interditas do gozo, aí, justamente aí, o imaginário social identificará o lugar de todo perigo, a célula da desagregação. 'Tuberculosos' e 'aidéticos' realizam, portanto,

num primeiro momento, o triunfo da vontade de autopreservação, já que aparecem como expressões singulares de uma trajetória assintótica em relação aos padrões e valores consagrados como ideais socialmente aceitos. A singularização dá-se, desse modo, primeiramente, no nível do imaginário social como processo de identificação do 'inimigo comum' da sociedade como um todo, reforçando padrões, regras e conceitos de conduta e de avaliação moral do outro (NASCIMENTO, 2006, p. 131).

Dilene Raimundo ainda diz que “os esforços para uma eficaz apreensão da problemática do HIV ficaram muito aquém da velocidade de disseminação da doença, mostrando-se esta mais rápida que o raciocínio clínico e epidemiológico” (Ibidem). Vale lembrar, como foi dito na introdução, que nos momentos pestilentos da humanidade, precisou-se sempre encontrar um culpado por determinado mal. Fosse para acalmar os ânimos das “pessoas de bem” ou como uma forma de solucionar tal problema.

A imprensa brasileira, como mostrou James N. Green, não possuía uma sensibilidade ao abordar o assunto. Ao contrário, levantava grandes suspeitas. É por isso que tomaremos muito cuidado ao trazer para este artigo fontes jornalísticas, já que as mesmas serão nossa matéria-prima para desenvolver a narrativa.

O historiador Rafael Saraiva Lapuente (2016), citando Tânia Regina de Luca, fala justamente sobre esse cuidado ao trabalhar com a imprensa. Segundo ele, eram poucos os trabalhos na década de 1970 que utilizavam revistas e jornais como fonte de pesquisa. Parafrazeando também a historiadora Maria Helena Rolim Capelato, ele explica que havia uma preocupação dos historiadores e historiadoras porque falavam que essas determinadas fontes eram suspeitas ou, em último caso, eram a pura e simples verdade. Porém:

É válido ressaltar que esse olhar “desconfiado” ao jornal pela historiografia brasileira até 1970 contrasta com a produção francesa, por exemplo. Sem intenção de fazer uma análise exaustiva sobre os movimentos historiográficos, cabe destacar que desde o advento dos Annales vão ocorrer mudanças na concepção daquilo que é fonte documental, com uma ampliação significativa da fonte de pesquisa histórica. Nesse alargamento, eram aceitos desde objetos de cultura material a obras literárias, séries de dados estatísticos, até imagens iconográficas, de canções aos testamentos, de diários particulares anônimos aos jornais que poderiam ser, agora, usados pelo historiador, sendo essa “revolução documental” e a nova definição daquilo que é fonte histórica uma das grandes novidades trazidas pelas primeiras gerações dos Annales (LAPUENTE, 2016, p. 15).

1.1 OS TEMORES DA IMPRENSA ARACAJUANA

A tratar das fontes em 1983 sobre a aids, o jornal Gazeta de Sergipe só abordou o assunto no dia 02 de agosto, e ainda assim de uma forma muito indireta. O autor Eduardo Laperte escreveu um conto fictício intitulado “A.I.D.S.” na página 03. O título estava em tamanho propício para chamar a atenção de quem fosse ler. Sem contar na localização do mesmo, pois estava no canto superior esquerdo. A história girava em torno de Mariluce, uma recém-contratada da prefeitura aracajuana para ser a secretária do prefeito. Segundo o conto, a mulher era muito bonita, mas pouco inteligente. Por três vezes errou o nome “prefeitura” nos ofícios enviados para o governador. Outro ponto marcante da personagem era a sua curiosidade. Em um determinado momento, a mesma presenciou chegar um envelope de cor “rosa shocing” e com um carimbo “altamente confidencial” e mais adiante o título tão perturbador: A.I.D.S. Depois disso, Mariluce não poupou comentários com seus colegas de trabalho sobre como aquele envelope entrava na sala do prefeito com reuniões demoradas com outros homens na sua sala. Segundo a história, “os boatos corriam soltos. Uns falavam em epidemia na cidade, outros começaram a desconfiar do prefeito e seu maneio de cabeça, até então tido como charme político para angariar votos. Os mais exaltados juravam um romance secreto entre o secretário da Fazenda e um estivador”. E quando tudo já estava fora do controle devido as críticas da oposição, a curiosa mulher decide finalmente abrir o envelope. Mas para sua surpresa, o cabeçalho da primeira página indicava algo totalmente diferente: PLANO A.I.D.S. – Ações Integradas para o Desenvolvimento Social

O conto de Eduardo Laperte chama a atenção porque nos dá a ciência de que a imprensa local já estava ciente do que estava acontecendo no mundo e que acabava de chegar ao Brasil. E que apesar de autor usar vários estereótipos ligados aos homossexuais, talvez uma maneira de deixar o texto mais atrativo à leitura, ele nos oferece uma forte opinião: nem tudo é o que parece ser. E para um jornal de uma capital ainda muito provincial, chega até ser ousado escrever algo que oferece um novo modo de olhar para a situação.

No dia 30 do mesmo mês houve um verbete sem identificação do autor ou autora com o título “Doenças transmissíveis em aspectos epidêmicos”. O pequeno texto dividido em quatro colunas não aborda especificamente sobre a aids, porém, como o próprio título

sugere, se refere às doenças antigas e novas, mas que estão aparecendo rapidamente em muitas pessoas. Segundo o verbete, o grande responsável para esse mal é “o parceiro feminino no relacionamento não comprometido”, e cabendo em segundo lugar ao “homossexualismo e o terceiro à prostituição”. É possível percebermos o que o historiador Paulo Sergio Andrade Quaresma (2011) confirmou sobre a procura de culpados quando as doenças ameaçavam a população. Sobre o termo “homossexualismo”, vale lembrar que nessa época, ser gay era considerado uma doença, “visto que o sufixo ‘ismo’ podia conotar distúrbio.

Já em 1984, no dia 31 de janeiro, ainda na Gazeta de Sergipe, vemos esse mesmo assunto discutido em uma nota intitulada “Em carta, homossexuais pedem a extinção de item do Código do Ministério da Saúde”. O texto traz como foco o segundo Encontro do Movimento Homossexual Brasileiro que foi realizado em Salvador. Sergipe foi representado por Wellington Esperança, que era presidente de um dos grupos mais ativos da causa homossexual do estado: o Dialogay. A nota é bastante explicativa ao reivindicar a extinção do código 302.0, pelo Ministério da Saúde, que rotulava a homossexualidade como desvio e transtorno sexual. O texto acaba com um forte posicionamento: “somos contra a família e a escola castradoras e repressoras”. Um discurso que ainda é bastante atual.

No mesmo ano, na edição do dia 03 de fevereiro, fica evidente que o estado também já estava bastante preocupado com a seca que assolava a região. A nota era bastante explícita: “Seca persiste e flagelados batem em retirada para outros estados”. Já no dia 29 do mesmo mês, a situação fica estampada na primeira página: “Seca persiste e João consegue emergência para todo o estado”. Na época, João Alves filho era o governador Sergipe e se mostrava preocupado com os cinco anos consecutivos de estiagem. Em relação à aids, o ano de 1984 na Gazeta de Sergipe não é mencionada. Algo que pode ser compreensível, pois o estado estava passando por uma crise econômica pela falta de água e transformações gerais na política do Brasil, como é caso das Diretas já, um movimento “que reivindicava a criação de uma emenda constitucional que tornasse possível a realização de eleições presidenciais diretas” (GREEN, 2018, p. 273).

O Jornal de Sergipe, no dia 23 janeiro de 1983, estampa em letras garrafais o título “Homossexuais e Lésbicas” de um texto escrito por Figueiredo. E como quase um presságio do que estava por acontecer no decorrer dos próximos anos, afirmou que “tenho profundo respeito pelo ser humano. Mesmo quando se trata de homossexuais e lésbicas.

Concordar com eles, aplaudi-los, nunca”. O texto em si aparece como uma simples opinião do autor, não há nada de relevante. Possivelmente serviu apenas para aumentar o preconceito tão enraizado. Mas é impressionante como o mesmo discurso ainda é tão atual: “o fato dos homossexuais e lésbicas não produzirem gente, não gerarem vida, faz deles sujeitos despedaçados, tensos, trágicos, profundamente infelizes”. Abiosvaldo Figueiredo conclui o texto afirmando que a homossexualidade é fruto da burguesia e incentivada pelo capitalismo. É interessante que o historiador James N. Green (2018) trata justamente desse tema em seu livro já citado. Disse que na época, os militantes da esquerda acreditavam que quando tomassem o poder e acabassem com a elite, os homossexuais também se dissolveriam da sociedade.

É somente no dia 28 de junho daquele ano que o jornal traz uma nota bem direcionada e intitulada: “o câncer-gay foi trazido da África pelos cubanos”. Escrito por Marcelo Faria, o texto diz que provavelmente a doença foi trazida por soldados cubanos que tiveram contato com homossexuais quando chegaram nos Estados Unidos. A nota ainda diz que a doença também foi encontrada em heterossexuais homens, em mulheres e crianças. Há ainda um relato de uma médica com seu colega de trabalho que acreditavam que a América do Norte também poderia ter sido atingida através de insetos. O que nos chama a atenção é que por mais que a nota tente dar uma explicação de onde surgiu a aids, ainda assim o título “câncer-gay” é colocado em destaque, talvez uma forma de tentar chamar a atenção da pessoa que fosse ler.

No ano seguinte, em 1984, o Jornal da Cidade dá uma devida importância à seca do estado bem mais do que a Gazeta de Sergipe. Uma prova disso é que somente no mês de janeiro daquele ano houve cinco edições falando especificamente sobre tal assunto. E isso não limita somente no primeiro mês, sendo que o jornal só irá abordar o tema no dia 18 de abril em um pequeno verbete em uma sessão chamada “Personas”, que falava quase que exclusivamente sobre a elite sergipana e celebridades do Brasil. O verbete com o título “Aids” não oferece nenhum tipo de explicação sobre o assunto, diz apenas que “cientistas norte-americanos conseguiram claros indícios de que um tipo de vírus identificado pela primeira vez em pacientes franceses pode ser a causa da mortal doença que ataca principalmente homossexuais masculinos⁷”.

⁷ Aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 18 de abril de 1984, nº 3.680, p. 16. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46401>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022.

No primeiro dia de maio daquele ano, houve uma pequena nota escrita por Cristóvão D'Alencar que talvez fizesse a pessoa que estivesse lendo parar de pular as páginas e se concentrasse ali. O título era perspicaz: “Aids já tem diagnóstico antecipado”. O autor revelou que existia um teste desenvolvido por um laboratório sueco e que apresentava resultados promissores pois ele era capaz de determinar a ocorrência da aids cerca de dois anos antes dos sintomas de manifestarem. Cristóvão D'Alencar termina a nota com uma frase até então não vista nos dois jornais pesquisados: “afinal, uma boa notícia em meio a tanto alarme”.

No dia 12 de setembro houve também uma nota que trazia também um pouco de esperança, mas infelizmente ainda trazia o termo pejorativo dado à doença: “Dado passo importante no combate ao câncer-gay”. Segundo o texto, cientistas da Califórnia deram um passo importante para uma vacina experimental através da produção de genes idênticos ao vírus e que em seis ou oito meses teriam material disponível para a elaboração da mesma. Porém afirmavam que a vacinação não iria curar, mas protegeria as pessoas saudáveis da enfermidade.

Em outubro, no dia 09, outra nota aborda o tema: “Câncer ‘gay’ discutido em simpósio”. O evento foi realizado em Recife no XIX Congresso Brasileiro de Alergia e Imunopatologia que reuniu, segundo a reportagem, mais de 300 especialistas. O que mais impacta no texto é o fato dos profissionais afirmarem que “a promiscuidade está ligada à alta de incidência do câncer gay entre os homossexuais”.

A última reportagem daquele ano sobre o assunto no Jornal da Cidade acontece no mesmo mês, mas especificamente dia 17, e que possivelmente surpreendeu a população aracajuana pela “moléstia” estar tão próxima da capital sergipana: “Aids mata na Bahia”. O texto falava de um pronunciamento oficial da direção do Hospital Professor Jorge Valente sobre o primeiro caso de morte provocada pela síndrome de Deficiência Adquirida na Bahia. Mas é preciso destacar um fato importante e ético: o hospital não divulgou o nome da pessoa e nem se a mesma era homossexual. Isso surpreende porque os dois jornais pesquisados não aparentavam dificuldades em divulgar nomes ou rostos sobre qualquer notícia. Houve muitos casos em que fotografias de pessoas mortas apareceram na capa.

Em 1985 a Gazeta de Sergipe foi drasticamente silenciosa quanto ao assunto. Naquele ano, nenhuma nota ou verbete sobre o tema foi encontrado. O que chama a

atenção é o fato de logo na primeira publicação do ano um anúncio era destacado: Ano novo, novo tempo.

Silêncios como esse podem ou não ser propositais. É muito difícil explicar o porquê de algo tão urgente não ser noticiado durante todo o ano. O historiador Nelson Werneck Sodré, no seu livro *História da Imprensa no Brasil*, destaca logo na introdução que o desenvolvimento da sociedade está intimamente ligado ao da imprensa e que há uma batalha em que surgem organizações e pessoas das mais diversas situações, sendo que a própria imprensa, segundo o autor, é fruto de uma sociedade capitalista que adquire o controle das informações, das técnicas de produção e de circulação, conduzindo “à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização do comportamento” (1999, p. 01-02). Assim, talvez, podemos explicar essa ausência de informação como um simples jogo emocional: se algo não é mostrado conseqüentemente não pode existir. Então sim, era um novo tempo.

Contudo, a coluna aborda outros temas relacionados aos homossexuais, como os casos de violências contra eles ou de crimes cometidos por eles. Como foi mostrado em um verbete do dia 20 de março daquele ano: “Homossexual assassino”. Já na edição dos dias 16 e 17 de junho houve uma nota com título em destaque: “Lesbos, a ilha grega”. O texto trazia a história da poetisa Safo que trouxe em seus poemas as primeiras evidências do amor entre mulheres. O texto escrito por Emanuel Zacarias passa o entendimento de que o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo é algo cultural. Ele inicia o texto de uma forma bem conservadora: “Os costumes marcam as épocas. Cada época possui costumes que preponderam uns sobre os outros. O certo e o errado são variáveis perante a ótica de um povo. E os bons costumes? São imutáveis?”. E finaliza o texto falando: “O mal de certos prazeres... até que ponto contribui para mudar os costumes de um povo, seus valores e até sua cultura?”.

O que podemos também tentar entender desse silêncio quanto à aids é a conjuntura política da época. Em 1985 o Brasil fervilhava. Era a primeira vez desde o Golpe de 1964 que o país teria um presidente eleito de forma indireta. A Gazeta de Sergipe realmente assumiu nesse período um teor muito político dando espaço para que isso pudesse ser debatido em basicamente todas as suas edições. Sem contar que esse presidente, Tancredo Neves, não chegou a assumir o cargo por falecer vítima de câncer em abril, assumindo a presidência o presidente do Senado, José Sarney. A capital sergipana, segundo as publicações posteriores à morte de Tancredo, se solidariza bastante oferecendo diversas

celebrações de missas e existiu vários textos exaltando o político. E que logo depois tem o mesmo olhar de admiração voltado para Sarney.

Já o Jornal da Cidade em 1985 continua notificando, embora que poucas vezes, sobre o assunto. Infelizmente esse periódico só está disponível em formato digital pela Universidade Federal de Sergipe até esse período. Atualmente, o jornal ainda existe. Por isso entramos em contato através do número do WhatsApp disponível no site para saber se houve alguma pausa nas publicações ou se foi só os outros anos que não foram digitalizados por não serem encontrados, porém não tivemos resposta.

Naquele ano, o jornal também participou ativamente dos eventos políticos, mas também tratava de outros, como o caso da seca que ainda amedrontava a população sergipana. No dia 3 de janeiro publicou uma matéria sobre o êxodo dos lavradores para capital. Outro ponto que chamou a atenção até esse último ano disponível foi o teor religioso que sempre existiu nos periódicos da instituição. As mensagens do Papa João Paulo II e suas viagens eram sempre destacadas, nos revelando um lado bastante religioso. Ao ponto de também ser possível encontrar mensagens espíritas com muita frequência.

A primeira notícia sobre a aids do Jornal da Cidade em 1985 acontece no dia 9 de abril com o título em negrito: “Vírus causador da aids afeta milhões de pessoas”. O pequeno texto revela que um cientista dos Estados Unidos do Instituto Nacional do Câncer afirmou que até 20% daquela população poderá contrair esse mal ou algum outro. O interessante é que nessa nota não houve menção aos homossexuais.

A segunda publicação sobre só aparece em junho, no dia 22. O título aparece dessa vez em itálico: “Aids está se espalhando pela Europa”. Segundo a nota que não possui o autor ou autora, a Organização Mundial da Saúde (OMS) informou que a epidemia da Deficiência Imunológica Adquirida continuou se espalhando pela Europa com uma média de 14 novos casos por semana e que 86% dos doentes diagnosticados em três anos morreram. O final da nota ainda afirma que o grupo de mais risco continuou sendo o de homossexuais masculinos, com 70%. Já no mês seguinte, dia 30, uma nota com título em negrito e destacada também por uma forma retangular avisava que a “Aids mata turista argentino em Pequim”. Segundo o texto que cita o nome da pessoa, esse foi o primeiro caso da doença na China e que o governo local estava muito preocupado com a sua população.

É interessante notar que a partir daí o Jornal da Cidade vai abordar o tema pelo menos uma vez até o final daquele ano. Em agosto, no dia 3, houve duas notificações. A primeira é destacada com letra maiúscula no canto esquerdo superior para, possivelmente chamar a atenção de quem estivesse lendo, pois, o mal estava ainda próximo da população sergipana: “Aids ataca em Porto Alegre”. Pela primeira vez em Sergipe, nos jornais pesquisados, uma notícia abordava alguém que disse à imprensa por vontade própria que estava com o vírus. Um artista plástico hemofílico disse ter contraído a doença por ter utilizado o Fator VIII Liofilizado, uma proteína retirada do plasma que é industrializado e usado pelos hemofílicos. O mesmo afirmou que um amigo tinha um filho de oito anos com a doença adquirida da mesma forma. Naquela edição outra notícia também aparecia: “Epidemia de aids ataca estrelas de Hollywood”. E pela primeira vez a imprensa aracajuana falava de uma celebridade infectada. O ator Rock Hudson de Los Angeles estava internado, porém o pronunciamento não foi feito pelo mesmo, mas sim por um dentista que também afirmava que no decorrer dos dias iria sair uma lista com várias outras celebridades que tinham a doença. Segundo esse dentista, ele teria se protegido desde julho de 1982 quando acreditou que a doença seria passada pelo sangue, sendo que “só a metade dos dentistas de Los Angeles usam máscaras quando atendem seus pacientes⁸”, disse.

Em setembro houve quatro notícias. A primeira delas naquele mês foi na edição dos dias 7 a 9 e a mais explicativa até o momento. A notícia com o título “A síndrome da AIDS o mal do fim do século” foi uma das mais neutras em questão aos homossexuais. Com um texto simples e direto, ela expõe o que se sabia até aquele momento sobre a doença, é tanto que a narrativa precisou ser dividida em quatro colunas com letras pequenas do que o normal para que se pudesse falar o necessário. O texto termina como se estivesse prevendo o futuro: “A esperança das vítimas de aids é a descoberta de uma substância ‘antivirótica’, capaz de liquidar o HTLV-3 no próprio organismo[...] não parece provável que esteja a ponto de ser descoberta em um futuro próximo”. Na edição do dia 10 um verbete alertava que detentos iriam fazer “Exames de identificação da aids”, que a pedido da Secretaria de Justiça e da Saúde de Porto Alegre estavam estudando essa proposta para o estado, mas que se mostravam preocupados como os detentos reagiriam a este tipo de proposta. Na edição do dia 11 outro verbete aparece afirmando que o “Brasil

⁸ Epidemia de aids ataca estrelas de Hollywood. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 03 de agosto de 1985, nº 4.063, p. 6 – 8. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44248>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

é quarto colocado em incidência de aids” segundo a pesquisadora oficial do Ministério da Saúde do Governo argentino que estava no país por conta do Congresso Brasileiro de Hematologia. O texto ainda fala sobre a afirmação do presidente do Congresso e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Hematologia, Augusto Luis Gonzaga, que disse que o vírus da aids era sensível ao calor, portanto não haveria qualquer perigo de proliferação do vírus. A quarta e última notícia daquele mês aparece no dia 25 em uma pequena nota com o título: “Dentistas debaterão a aids”.

Em outubro, no dia 9, uma pequena nota informa que mais três pessoas morreram em São Paulo vítimas da doença. Mas é somente no dia 11 que uma nota intitulada “Secretaria distribui cartilha sobre aids” que o assunto passa a ter um lado mais social e humanitário por se tratar de informações simples sobre a doença para a população, mesmo sendo algo feito em Recife e não em Sergipe. A nota ainda informa que boa parte da população carcerária já havia feito o teste. No dia 22, na coluna escrita por Fred Ayres, outra pequena nota somente com a sigla “Aids” no título falava de uma forma também sensível pois trazia a notícia de um manual preparado pela previdência social que garantia “que sentar-se na mesma cadeira, apertar a mão e usar os mesmos talheres de uma pessoa suspeita de estar com a doença não são fatores de contágio...⁹”.

Em novembro daquele ano, na edição dos dias 24 e 25, o título parecia urgente por estar dentro de um retângulo e com letras grandes: “Jornalista fará greve de fome se filme da aids for veiculado”. Ao que parece, Edson Nunes, o coordenador do Movimento Mineiro de Defesa dos Direitos Homossexuais, faria uma greve de fome caso um filme que faria uma alusão nítida da homossexualidade como a causa da doença fosse ao ar. Em entrevista também citada, Edson foi enfático e verdadeiro: “as pessoas estão sendo contaminadas pelo perigoso vírus dos preconceitos”. No mês seguinte, o ano finaliza com uma nota na coluna Internacional: “Nação africana registra 319 casos de aids em dois anos”. Segundo o Ministro da Saúde entrevistado, François Mugunza, os meios de comunicações estrangeiros foram os grandes responsáveis por sensacionalizar os casos da doença naquele país.

Em 1986 a Gazeta de Sergipe é invadida novamente, quase por completa, pelo silêncio sobre o tema. A instituição só aborda o assunto uma vez na edição dos dias 23 e

⁹ Aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 22 de outubro de 1985, nº 4.129, p. 25. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44319>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

24 de março. O título “Portadores de aids terão direitos definidos no país” possivelmente trouxe um pouco de alívio para a população sergipana que até então não via sensibilidade para quem estivesse doente. Infelizmente o arquivo digitalizado cortou boa parte do texto, mas é possível identificar que o Governo pleiteou “a permissão para liberação imediata do PIS/PASEP/FGTS para pacientes de AIDS, para que possam tratar-se adequadamente levando uma vida mais confortável e condizente com a condição humana¹⁰”.

1.2 A CHEGADA DA AIDS EM SERGIPE

Já o último ano pesquisado da Gazeta de Sergipe, 1987, é totalmente diferente daquilo que vimos até aqui. Se antes a instituição usou o silêncio, naquele ano não houve como fugir do assunto, pois a aids tinha chegado ao estado de Sergipe. Possivelmente esse fato provocou tanto alvoroço que foi possível identificar em quase todos os meses várias notas sobre o assunto e muitas vezes na mesma edição do dia. Por isso, destacaremos apenas as notícias direcionadas à Sergipe.

A primeira notícia aconteceu no dia 3 de fevereiro e pela primeira vez ganhou o lugar privilegiado da capa. Com letras garrafais o título expôs o menor estado do país que até então olhava sorrateiro para tudo o que estava acontecendo no mundo: “Registrado novo caso de aids em Sergipe”. Porém o texto revela que aquele já era o terceiro caso, o questionamento aparece de o porquê não terem notificado desde o primeiro. Segundo a narrativa, o Diretor do Hospital das clínicas de Aracaju na época chamado Roberto Ferreira estava disposto a instalar num prazo de trinta dias um pavilhão especial com dez leitos para portadores da doença. Passando assim a sensação de que as autoridades aracajuanas já estavam esperando pela chegada do vírus. É interessante o fato de Edgard Fernandes, Diretor do Centro de Hemoterapia de Sergipe (Hemose), ter pedido a comunidade médica muita cautela na discussão do problema para não causar pânico, sendo que a imprensa, na maior parte das notícias, não teve esse mesmo cuidado. Edgard ainda afirma que a sociedade precisa de informações cristalinas para participarem da luta contra a doença. O Diretor do Centro de Hemoterapia de Sergipe ainda se recusou a falar os nomes das vítimas, porém afirmou que todos eram homossexuais.

¹⁰ Portadores de aids terão direitos definidos no país. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 23 e 24 de março de 1986, nº 8.214, p. 07 Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36247>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

Naquele mesmo mês houve uma enxurrada de outras notificações. A segunda também ocupa a primeira página e fala que o Hemose estava preocupado com os casos da doença em Sergipe. Segundo a nota, havia recomendações para evitar relações sexuais com parceiros desconhecidos e que se alguém tivesse tido uma relação com um homossexual vindo de outro estado deveria procurar o centro de Hemoterapia para fazer o exame. A terceira no mesmo lugar de destaque confirma mais um caso em Sergipe e revela a preocupação de Edgard Fernandes sobre o dever de a nova constituinte do país colocar um artigo determinando que os bancos de sangue sejam obrigados a ter equipamentos que detectam, com segurança, a presença do vírus no sangue dos doadores.

No dia 18 de fevereiro houve três notícias na mesma publicação. A primeira e a segunda ocupam o mesmo espaço na primeira página. O Hemose informou que não tinha condições de fazer testes em todas as pessoas alegando que o custo era muito alto. A outra informa que “Doentes de aids em SE não têm como fazer tratamento” porque funcionários do Hospital Militar de Sergipe se recusavam a atender pessoas com a doença. O médico Almir Santana, na época Coordenador Estadual do Controle das doenças, afirmou que esse fato era “um preconceito bobo”, sendo que os três pacientes com aids estavam sendo tratados em casa. Já a terceira falava que o carnaval poderia multiplicar os casos da doença.

Já no dia 25 há uma página inteira, pela primeira vez, destinada somente para o assunto com o título: “Aids: você precisa saber evitar a doença mais assustadora do século”. O texto explicações sobre preservativos, orçamentos para campanhas publicitárias e muitas frases que talvez tranquilizaram muitas pessoas: “A aids não é a única moléstia que gera incerteza... a própria vida é plena incerteza”. No dia 27, ocupando o topo da página, a notícia “Igreja faz restrições a campanha da aids” trouxe com mais veemência o pensamento católico. Segundo a instituição religiosa, era como se essas campanhas não fossem necessárias porque aquele mal poderia ser evitado com uma boa conduta moral, era como se quem não fosse homossexual não precisasse se preocupar.

Em março, no dia 10, uma nota na primeira página deixou a população sergipana ciente de mais três novos casos, sendo sete ao total. E que, infelizmente, não estavam recebendo tratamento hospitalar, mas ambulatorial. No dia 17 houve uma notícia que o Brasil estava ocupando o segundo lugar nos casos de contágio de aids.

Como um padrão, a maioria das notícias sobre a aids em 1987 aparecem na primeira página. A única sobre o tema em abril, dia 23, segue esse estilo e com letras grandes informa que “Já são 9 os casos de aids em Sergipe”. O texto relata que o Hemose já possuía capacidade para realizar de 600 a 700 testes por mês e que o Estado estava produzindo em todos os seus postos de atendimento, tanto na capital quanto no interior, uma campanha para suprir questionamentos sobre a doença. A narrativa também traz que os considerados grupos de risco, “homossexuais e viciados em drogas”, estavam conscientes do problema e se engajaram na campanha.

Em maio daquele ano, na edição dos dias 10 e 11, outra página era destinada somente para responder dúvidas. Com o título em caixa alta “Aids: cuidados e precauções”, o autor Pedrito Barreto faz uma enorme lista sobre os conhecimentos adquiridos sobre o vírus naquela época. No item sobre a atuação frente aos casos de pessoas infectadas, há uma verdadeira conexão com o que a humanidade passou com a pandemia do Covid-19. Segundo o texto, era necessário o isolamento total da pessoa enferma, quarto privativo com a porta sempre fechada, avental deveria ser usado todas as vezes que alguém entrasse no cômodo, lavagem das mãos frequente, uso de luvas, objetos e utensílios deveriam ser separados e entre muitas outras precauções.

No dia 8 de julho a notícia “Aids: médico condena sensacionalismo” traz o depoimento bem à frente daquele tempo de José Almir Santana, que na época era gerente de DST/AIDS da Secretaria de Estado da Saúde e Bem Estar Social e coordenador das campanhas que estavam sendo desenvolvidas em Sergipe. Segundo o médico, “a imprensa deveria estar muito mais comprometida com o processo educativo da população uma vez que o vírus da aids tem predileção pelos desinformados¹¹”, disse também que o fato de a doença ter grupos de risco faz com que a sociedade discrimine esses pacientes marginalizando-os desnecessariamente. Já no dia 23 houve uma nota falando que os testes para identificar o vírus não estavam sendo feitos no estado, mesmo sendo uma Portaria do Governo. Segundo Lauro Maia, que era Secretário do Estado, afirmou que esse fato só aconteceu porque a maioria dos hospitais não entraram em contato com o Hemose para fazer o convênio, sendo que só o Hospital São Lucas havia procurado a instituição.

¹¹ Aids: médico condena sensacionalismo. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 08 de julho de 1987, nº 8.686, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36782>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Em agosto, no dia 5, foi avisado que o Governo do Estado aguardava a chegada de 300 mil testes para setembro. No dia 7 o jornal trouxe uma palestra feita pela enfermeira Iane Marta Oliveira Dias para os(as) estudantes do Instituto de Educação Rui Barbosa. O que chama a atenção na fala da profissional é que ela, ao ser questionada sobre os grupos de risco, não usa o termo “homossexual”, prefere falar em “pessoas que por circunstâncias de saúde ou por opção comportamental estão mais próximas das diversas formas de contaminação, entre eles, os hemofílicos, viciados em drogas injetáveis e promíscuos¹²”.

No dia 19 de setembro teve um pequeno verbete escrito por Jorge Mirândola que, possivelmente, chamou bastante atenção para quem estivesse lendo por causa do título: “Cura da Aids”. Segundo o autor, Deus já havia dito nas Sagradas Escrituras que todas as pessoas passariam por um castigo após a morte, contudo, o vírus já simbolizava esse castigo. Concluiu o texto falando que tinha algo melhor para livrar as pessoas da aids do que a camisinha: o Evangelho.

Em dezembro, no dia 1º, a primeira página anunciava que “Morre outra vítima da AIDS em Aracaju”. A nota falava de um costureiro que havia decidido passar seus últimos dias de vida na capital, sendo seria a segunda pessoa em Aracaju a morrer por conta da doença. E por fim, no dia 12, outro problema que acompanhou, e se mostrou primeiro, a trágica trajetória da aids no Brasil, voltou a ser notificado: “Ainda o drama da seca”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o menor estado do país, podemos dizer que Sergipe seguiu um certo padrão esperado para tal posição. Ainda tímida, a sua imprensa na década de 80 permeia o campo do questionamento entre falar ou deixar ser esquecido pelo tempo algum assunto específico. Contudo, em 1983, quando os primeiros casos de aids são notificados no Brasil, os jornais aracajuanos seguem a linha de raciocínio que se espalhava sobre o mundo sobre a doença ao chama-la de câncer ou peste gay. Porém, não é difícil tentar entender essa repetição de termos, já que estamos falando de uma enfermidade até então

¹² Aids é explicada a estudantes. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 07 de agosto de 1987, nº 9.622, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36811>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

desconhecida e que por alguma razão escolheu, em sua maioria, os homossexuais como suas primeiras vítimas os transformando como causadores de tal mal.

Vale salientar que durante toda a pesquisa foi possível verificar em ambos os jornais, Gazeta de Sergipe e Jornal da Cidade, que havia notícias internacionais, mas muito mais no segundo. Este trazia basicamente em todo periódico informações sobre o Papa, por exemplo, e a classe artística. A Gazeta só vai se desenvolver, colocando até um segundo caderno, a partir de 1986.

Falando em pesquisa, é preciso destacar o quão cansativo é ter que verificar cada página do periódico e o quão frustrante é não encontrar o conteúdo desejado durante todo um ano, como já foi mencionado. Porém, os fatos históricos, quando encontrados e analisados abafam um pouco todo o cansaço anterior. Pode surgir o questionamento se as publicações aumentaram a discriminação aos homossexuais no estado. O que podemos responder é que somente com a análise dos noticiários isso não pode ser respondido. Para isso, precisaríamos entrevistar pessoas da época que tiveram acesso a tal informação. Outro ponto importante é que não conhecemos o lado partidário dos periódicos e nem dos ideais das pessoas que os escreviam, sem contar que muitas notas e verbetes não tinham o nome de quem os produziu. E os que possuíam, ao serem pesquisados na internet via redes sociais e outras fontes, não foram localizados.

Por fim, baseando-se na História das Doenças, é possível verificar que a imprensa aracajuana reproduziu o imaginário social do Brasil em relação a aids. Já que ela trouxe para Sergipe “os culpados” de tal moléstia, um padrão visto na humanidade quando se trata de epidemias. Contudo, o estado lidava com um mal ainda maior antes da chegada da doença em Sergipe no ano de 1987: a seca. Os dois jornais estampavam as primeiras páginas e estendiam tal conteúdo através de notas. Sergipe passava por uma estiagem tão severa em 1983 que o leite deixou de ser comercializado por falta da pecuária, já que o gado estava morrendo de sede e fome. Daí, podemos tentar entender o porquê de não falar de determinado assunto ou demorar para mostra-lo sendo que a água, elemento primordial para a sobrevivência humana, estava em escassez. Então, como se preocupar tanto com algo de longe se a realidade ao redor era mais aterrorizante? Sem contar que o Brasil estava saindo de um período extremamente difícil que foi a ditadura militar imposta através de um golpe desde 1964. Assim, nos resta lidar com o fato de que as transformações na sociedade, por mais inovadoras que sejam, independente da região, ainda têm os seus padrões, ainda procura em quem colocar a culpa ou silenciar para fingir

inexistência. Mas também temos o aprendizado, as lutas das minorias, as vozes das pessoas que sofriam que muitas vezes ultrapassaram as barreiras impostas pelas autoridades e é nestas últimas etapas que História mostra seu poder: o de mudar mentalidades, encontrar novos olhares e romper silêncios.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAIS

Gazeta de Sergipe – 1983 a 1987

A.I.D.S. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 02 de agosto de 1983, nº 7.436, p. 03. Disponível em: <://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35198>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Doenças transmissíveis em aspectos epidêmicos. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 30 de agosto de 1983, nº 7.460, p. 04. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35232>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Em carta, homossexuais pedem a extinção de item do Código do Ministério da Saúde. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 31 de janeiro de 1984, nº 7.571, p. 04. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35324>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Seca persiste e flagelados batem em retirada para outros estados. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 31 de janeiro de 1984, nº 7.571, p. 07. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35326>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Homossexual assassino. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 20 de março de 1985, nº 7.911, p. 06. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35773>. Acesso em: 12 de março de 2022;

Lesbos, a ilha grega. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 16 e 17 de junho, nº 7.984, p. 16. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/35895>. Acesso em: 12 de março de 2022;

Portadores de aids terão direitos definidos no país. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, 23 e 24 de março de 1986, Aracaju – Sergipe, nº 8.214, p 07 Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36247>. Acesso em: 12 de março de 2022;

Registrado novo caso de aids em Sergipe. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, nº 8.473, 1º página. Disponível em:

<<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36680>>. Acesso em: 12 de março de 2022;

Doentes de aids em SE não têm como fazer tratamento. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, nº 8.485, p. 1ª página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36694>>. Acesso em: 12 de março de 2022;

Aids: você precisa saber evitar a doença mais assustadora do século. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, nº 8.491, p. 07. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36701>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Igreja faz restrições a campanha a aids. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 27 de fevereiro de 1987, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36703>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Já são 9 os casos de aids em Sergipe. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 23 de abril de 1987, nº 8.536, 1ª página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36755>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Aids: cuidados e precauções. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 10 e 11 de maio de 1987, nº 8.549, p. 09. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36772>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Aids: médico condena sensacionalismo. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 08 de julho de 1987, nº 8.686, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36782>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Cura da Aids. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 1º de dezembro 1987, nº 8.717, 1ª página. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36966>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Aids é explicada a estudantes. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 07 de agosto de 1987, nº 9.622, p. 04. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36811>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Ainda o drama da seca. Gazeta de Sergipe, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 12 de dezembro de 1987, nº 8.726, p. 03. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/36981>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Jornal da Cidade – 1983 a 1985

Homossexuais e Lésbicas. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 23 de janeiro de 1983, 23 e 24 de janeiro, nº 3.365, p. 27. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/45976>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Pesquisadores acreditam que o câncer-gay foi trazido da África pelos cubanos. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 28 de junho de 1983, nº 239, p. 15. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46112>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 18 de abril de 1984, nº 3.680, p. 16. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46401>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Aids já tem diagnóstico antecipado. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 1º e 02 de maio de 1984, nº 3.689, p. 29. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46414>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Dado passo importante no combate ao câncer-gay. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 12 de setembro de 1984, nº 3.798, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46538>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Câncer ‘gay’ discutido em simpósio. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 09 de outubro de 1984, nº 3.981, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46558>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Aids mata na Bahia. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 17 de outubro de 1984, nº 3.827, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/46566>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022;

Vírus causador da aids afeta milhões de pessoas. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 09 de abril de 1985, nº 3.966, p. 08. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44051>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Aids está se espalhando pela Europa. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 22 de junho de 1985, nº 4.029, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44211>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Aids mata turista argentino em Pequim. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 30 de julho de 1985, nº 4.059, p. 08. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44244>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Aids ataca em Porto Alegre. Epidemia de aids ataca estrelas de Hollywood. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 03 de agosto de 1985, nº 4.063, p. 6 – 8. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44248>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

A síndrome da AIDS o mal do fim do século. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 07 e 09 de setembro de 1985, nº 4.093, p. 12. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44281>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Exames de identificação da aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 10 de setembro de 1985, nº 4.094, p. 08. Disponível em:

<<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44284>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Brasil é quarto colocado em incidência de aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 11 de setembro de 1985, nº 4.095, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44285>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Dentistas debaterão a aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 25 de setembro de 1985, nº 4.107, p. 06. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44297>>. Acesso em: 02 de abril de 2022;

Secretaria distribui cartilha sobre aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 11 de outubro de 1985, nº 4.121, p. 10. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44311>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Aids. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 22 de outubro de 1985, nº 4.129, p. 25. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44319>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Jornalista fará greve de fome se filme da aids for veiculado. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 24 e 25 de novembro de 1985, nº 4.156, p. 31. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44349>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

Nação africana registra 319 casos de aids em dois anos. Jornal da Cidade, Notas e Comentários, Aracaju – Sergipe, 12 de dezembro de 1985, nº 4.156, p. 31. Disponível em: <<http://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/44349>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos.** LPH - Revista de História da UFOP. nº 15, 2005;

BEARZOTI, PAULO. **Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano.** Campinas – São Paulo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1970;

GREEN, James N. **Revolucionário e gay: A extraordinária vida de Herbert Daniel – Pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão.** 1º ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018;

HEGENBERG, Leonidas. **Evolução histórica do conceito de doença.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998;

JARDIM, Trajano Silva; BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. **Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado.** Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro - Brasília, número 14, 2014, pp. 131-171;

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica.** Bilros, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan.- jun. 2016;

MENDES, Sandra Magrini Ferreira. **Homossexualidade: A concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neurofisiológico do século XXI.** Encontro Revista de Psicologia. Vol. XI, Nº 16, Ano 2007;

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005;

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; GOUVÊA, George. **O Signo da culpa na História Das Doenças.** Usos do Passado — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006;

QUARESMA, Paulo Sergio Andrade. **As Doenças e a História do Homem: um itinerário em comum.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011;

SODRÉ, Werneck Sodré. **História da Imprensa no Brasil** - 4. ed. (atualizada) - Rio de Janeiro: Mauad, 1999.